

TEMPERAR E ILUMINAR

O neo-presbítero e o moderador para a vida presbiteral

I. CONHECER E MOTIVAR

O Arcebispo, o arcepreste e o moderador para a vida presbiteral, numa ação que precede e prepara o envio do neo-presbítero, assumirão uma atitude de atenção ao contexto paroquial para o qual é enviado.

Deste modo, diligentemente, providenciarão uma descrição e análise da realidade paroquial que considere os desafios pastorais, as necessidades espirituais, as condições económicas e patrimoniais, reconhecendo se estão reunidas as condições para o desempenho de um ministério fecundo.

II. ESCUTAR E ACOMPANHAR

O rosto de caridade pastoral e amizade presbiteral será o moderador para a vida presbiteral. Tenha-se o cuidado de começar com um acompanhamento pessoal dos padres jovens e de promover e sustentar as suas qualidades, para que estes possam abraçar, com entusiasmo, os primeiros desafios pastorais. O pároco para junto de quem o jovem presbítero tenha sido inicialmente enviado deve ser o primeiro a sentir a responsabilidade por este acompanhamento. O que é requerido a um moderador para a vida presbiteral?

1. A disponibilidade para receber e acompanhar responsabilmente alguém que está a iniciar o ministério presbiteral, num período de pelo menos cinco anos, permitindo ao jovem presbítero potenciar o que de melhor há em si.

1.1. Este acompanhamento acontecerá durante cinco anos, sabendo-se, porém, que a realidade presbiteral é dinâmica e pode, por isso, reclamar outros tempos.

1.2. Este acompanhamento não supõe a divisão nem o aproveitamento indevido do serviço pastoral, mas, antes, fomentar oportunidades de crescimento mútuo, de formação contínua e de um serviço mais comprometido.

2. O moderador para a vida presbiteral, pela proximidade fraterna e experiência pastoral, é chamado a acompanhar o neo-presbítero na passagem entre a formação no Seminário e as missões que lhe foram confiadas, integrando o entusiasmo inicial do neo-presbítero e o realismo da dinâmica pastoral.

2.1. A capacidade para, num ambiente de confiança, de escuta, de reserva, de discrição e cuidado, promover as qualidades e ajudar a integrar a experiência de fragilidade do neo-presbítero.

2.2. A abertura para promover experiências de vida comunitária, nomeadamente a habitação comum, as refeições, as orações, os momentos de lazer e a partilha das alegrias e dos desafios da vida pastoral.

2.3. A marcação de um encontro semanal entre o moderador e o neo-presbítero que possa promover a escuta e a partilha, o incentivo e a consolidação das dimensões da vida humana, espiritual, intelectual, pastoral e comunitária.

2.4. No decorrer da experiência de moderação, promover, anualmente, um diálogo com o Bispo ou com o seu representante.

III. ACOLHER E CONFIAR

Nos bispos da nossa Arquidiocese, enquanto sinais de comunhão, com visitas regulares e pessoais, o neo-presbítero encontra a figura de alguém que o conhece, acolhe, encoraja e ampara no caminho. No moderador para a vida presbiteral, irmão mais velho no presbitério e braço estendido dos bispos, encontrará alguém atento ao seu ímpeto entusiasmado, que possa promover uma autêntica comunhão que o irá motivar, compreender e, porventura, corrigir fraternalmente.

Este tempo hodierno, que nos é dado a viver, é diferente, mas não mais difícil, porque o aqui e agora que vivemos continua a ser um tempo favorável a processos eclesiais originais, inauditas expressões de autenticidade e de fecundidade evangélica.

1. O neo-presbítero não é padre somente pela imitação de outros padres. O que Deus pede é que seja um padre a partir daquilo que cada um é, ou seja, a partir da sua originalidade, franqueza e fragilidade, mas sempre consciente dos dons que Ele lhe concede.

1.1. Todo o padre é membro efetivo e afetivo do presbitério. Antes de mais, a comunhão e, depois, a missão, mediante a caridade fraterna e pastoral no ministério.

1.2. Quem é enviado serve em nome de Cristo e em nome da Igreja e, por isso, abraça a missão que lhe é confiada. Um padre é a expressão de uma comunidade a partir das pessoas que conhece, dos encontros que tece, das preocupações que o ocupam, das histórias que lhe narram, do amor que recebe, dos silêncios que acolhe, das partilhas que escuta, daquilo que lhe testemunham.

2. Nos primeiros anos depois da ordenação presbiteral, os padres são confrontados com a beleza, mas também com as dificuldades de comunidades cristãs concretas. Assim, do neo-presbítero espera-se a justa e necessária disponibilidade para ser acompanhado pelo moderador para a vida presbiteral.

2.1. O facto de o neo-presbítero deixar-se acompanhar pelo moderador para a vida presbiteral não limita a liberdade, nem condiciona a criatividade pastoral, mas constrói-se mediante uma relação assente na confiança, na comunhão e no dom que o outro é para quem está a iniciar o ministério presbiteral.

2.2. A partilha das dificuldades e das dúvidas não diminui a ação do neo-presbítero, mas abre

horizontes e possibilidades de enfrentar os desafios, acompanhado pelo realismo e experiência pastoral do moderador.

3. Após ter vivido, recentemente, uma experiência de vida comunitária no seminário, agora, o neo-presbítero deve cultivar experiências de verdadeira fraternidade presbiteral de modo a abraçar, com entusiasmo, os primeiros desafios pastorais.

3.1. A amizade com o moderador para a vida presbiteral, como irmão mais velho no presbitério, é um tesouro que importa cuidar e promover mediante o estilo adquirido na formação inicial, nomeadamente, como já se referiu, a habitação comum, as refeições, as orações, os momentos de lazer e partilha das alegrias e dos desafios da vida pastoral.

3.2. A formação oferecida no contexto do Seminário e da Faculdade de Teologia é agora aplicada no concreto da vida, o que exige uma capacidade de discernimento e de leitura da realidade. Assim, entre o jovem padre e o moderador para a vida presbiteral é crucial haver, semanalmente, encontros durante os quais seja promovida a partilha sincera das experiências vividas e também a reflexão sobre os problemas que se vão encontrando no dia-a-dia.

3.3. A imposição e unção das mãos são sempre renovadas na oração pessoal e comunitária, no retiro anual, no acompanhamento espiritual, na Liturgia e na formação permanente.

Em suma, este ambiente de fraternidade entre o neo-presbítero e o moderador para a vida presbiteral proporcionará um melhor acolhimento dos presbíteros recentemente ordenados e dará o devido lugar àqueles mais experientes, fazendo com que todos se sintam felizes e realizados, desde que encontrem o lugar certo onde possam colocar os seus dons ao serviço do Reino de Deus.